edição nº 327 • crusoe.com.br

Crusoé

O TRIUNFO DO MÉRITO

Rebeca Andrade faz história em Olimpíada quase capturada por guerras culturais

REPORTAGENS

O triunfo do mérito

Rebeca Andrade faz história em Olimpíada quase foi capturada por guerras culturaisDificilmente alguma imagem se tornará mais icônica das Olimpíadas de

JUSTIÇA

Recuperação sob suspeita

Negócio bilionário em favor do grupo Petrópolis contou com juíza que já trabalhou com filho do ex-corregedor-geral de Justiça Luís Felipe

Ciro dá o tom

Divisão na esquerda enche a disputa em Fortaleza de ressentimentoA campanha para a prefeitura de Fortaleza, capital do Ceará, foi contaminada pelas

ENTREVISTAS

O dia a dia de uma bolsista brasileira em Harvard

Sarah Borges saiu de Goiânia para estudar em uma das mais prestigiadas instituições de ensino do planeta. À Crusoé, ela conta seu caminho e sua

O CAMINHO DO DINHEIRO

05.08.24: o crash que não aconteceu

Grandes tombos registrados na segunda-feira, 5, nos fazem lembrar da natureza de diferentes crashes da bolsa. Esse não foi um desses casosAcordei às 4

ILHA DE CULTURA

Espírito olímpico para quem não gosta de esportes

Poucas mais belas, as vitórias brasileiras em Paris são um aceno para o país que poderíamos ser – e nos consolam do papelão que o Brasil está fazendo na

Música e maternidade

A pianista Ana Lúcia Altino faz 80 anos e nos ensina uma liçãoNo último dia 5 de agosto a pianista Ana Lúcia Altino fez 80 anos de idade. Ana Lúcia, além de

Onde mora a mal-educada, malcriada Democracia Bolivariana?

A Democracia Brasileira (sempre, sempre com respeitosas maiúsculas), como eu vos contei na primeira crônica que assinei nesta revista, vive mui

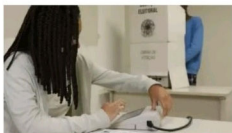
Nunca antes na história dessa Olimpíada

Nas últimas semanas, fomos todos informados de que pessoas negras, gordas e até mulheres disputam Olimpíadas e ganham medalhasAdhemar Ferreira da

LEITURA DE JOGO

O terceiro sexo olímpico

Na competição esportiva, não importa apenas o corpo da atleta transexual ou intersexo, mas sua interação com os outros corpos "Ninguém nasce

CRÔNICA

A batalha ideológica pela democracia

Conceito foi resgatado como uma regra para permitir que estado moderno funcione. Parte significativa da esquerda tenta isolar concorrentes ao cobrar ainda

Shutterstock

Rebeca Andrade, ladeada por Simone Biles e Jordan Chiles, em Paris

O triunfo do mérito

Rebeca Andrade faz história em Olimpíada quase foi capturada por guerras culturais

08.08.24

CARLOS GRAIEB

Dificilmente alguma imagem se tornará mais icônica das Olimpíadas de Paris que a do pódio em que a ginasta brasileira Rebeca Andrade, medalha de ouro depois de uma apresentação impecável no solo, foi reverenciada pelas colegas Simone Biles, a melhor de todos os tempos segundo muitos especialistas , mas prata naquele dia, e Jordan Chiles, bronze.

Na entrevista que concederam depois da premiação, as duas atletas americanas explicaram por que decidiram se curvar para o brasileiro.

Biles destacou a qualidade técnica extraordinária de Rebeca e o fato de que tê-la competindo serviu de incentivo para que ela mesma continuasse treinando e melhorando, depois de um colapso mental que a jogou das Olimpíadas de Tóquio, em 2021.

Chiles disse que Rebeca sempre expressou seu respeito e sua admiração não apenas por Biles, mas por outros representantes da equipe americana. Retribuir naquele momento, portanto, pareceu justo e natural.

A própria Rebeca, que recebeu uma homenagem com a delicadeza de sempre, disse que ela teve origem em algo que as três associações: saber que não se chega ao topo em esportes de alto nível sem um grau extremo de disciplina, persistência – e dor.

Como muitos veículos da imprensa estrangeira se destacaram, Rebeca triunfou em Paris não depois de uma, nem de duas, mas de três cirurgias de ligamento cruzado. Ao longo da carreira, teve muitas oportunidades para desistir.

A imagem da entrega de medalhas teve um segundo significado. Foi a primeira vez que um pódio de arte artística contou com três mulheres negras.

Chiles divulgou esse fato em sua entrevista coletiva e disse que foi outro motivo porque eles se sentiram à vontade para celebrar Rebeca.

A brasileira, nas muitas declarações que deram ao longo da semana, também comemorou, quando lhe perguntou, o ineditismo do pódio composto por jovens negros. E falou da importância, para qualquer atleta infantil, de poder se espelhar em ídolos. Para ela, a brasileira Daiane dos Santos teve esse papel. E a própria Biles, um pouco mais tarde.

Nenhuma delas, contudo, deu à questão da raça – uma questão social e política – maior proeminência do que aos feitos esportivos propriamente ditos. Também nisso elas foram geniais.

Competições não acontecem num vácuo. Grandes eventos globais, como as Olimpíadas ou a Copa do Mundo de Futebol, menos ainda. Eles estão cercados de interesses e pressões políticas e seria irrealista esperar que isso não tivesse consequências.

Os Jogos de 2024 acontecem em meio a duas guerras: a invasão da Ucrânia pela Rússia e o combate de Israel aos terroristas islâmicos financiados pelo Irã – Hamas, Hezbollah, Houthis – que pretendem varrê-lo do mapa.

O Comitê Olímpico Internacional, COI, teve de fazer escolhas a respeito disso. Barrou delegações da Rússia e de sua apoiadora Bielorrússia, mas permitiu a participação autônoma de atletas dos dois países que não se manifestaram em favor da invasão. Em relação a Israel e Palestina, não houve ressalva. As duas delegações estão representadas em Paris.

Os preparativos dos Jogos também envolveram uma enorme mobilização de órgãos de inteligência para prevenir a realização de um ataque terrorista. Ainda assim, na véspera da abertura, uma série de ações simultâneas, de autoria ainda não esclarecida, paralisou algumas das principais linhas de transporte da França. Mesmo que não tenha sido um atentado sangrento, ele conseguiu turvar o ambiente por vários dias.

Questões culturais divisivas são outro elemento capaz de envenenar um grande evento esportivo. Nesse caso, escolhas desastradas da organização quase fizeram com que as Olimpíadas fossem capturadas pelas guerras culturais.

A primeira escolha foi a inclusão de um número musical que misturava religião e sexualidade *queer* na abertura de abertura. Um grupo de *drag queens* , liderado pela DJ Barbara Butch, que tinha um halo como o das imagens de santos católicos sobre a cabeça, fez uma apresentação que culminou numa paródia da pintura *A Santa Ceia* , do renascentista Leonardo Da Vinci.

Diante da onda de ultraje em escala mundial que se atrai, a equipe de criação do espetáculo insistiu que a referência não era à *Santa Ceia* , mas a uma obra muito menos conhecida do pintor holandês Jan van Bijlert, do século 17. Ainda que seja verdade , os organizadores não tinham como ignorar que a associação com o ícone religioso seria feita. Optaram pelo caminho da provocação e, no final, tiveram de pedir desculpas e dizer que *"jamais houve a intenção de ofender qualquer grupo religioso"* . Não convenci.

A segunda escolha foi autorizar a argelina Imane Khelif e a taiwanesa Lin Yu-Ting a disputar medalhas no boxe. Em 2023, a Associação Internacional de Boxe (IBA, na sigla em inglês) desclassificou as duas atletas de suas competições, depois de submetê-las a uma bateria de exames e um painel médico. Embora os detalhes não tenham sido divulgados, ambos, mais do que apenas ter níveis de testosterona (o *"hormônio masculino"* elevados, não exibiriam características genéticas e biológicas apenas do sexo feminino.

O COI brigou por muito tempo com o IBA, que de fato se meteu em escândalos de corrupção. No ano passado, rompeu com a entidade. Na esteira disso, rejeitou os testes de Imane e Yu-Ting como *"arbitrários e ilegítimos"* .

A história de Imane chamou a atenção quando uma adversária, a italiana Angela Carini abandonou o ringue aos 45 segundos de luta, depois de levar dois golpes fortíssimos no nariz. Disse que era um atleta medura e não se sentia seguro naquele combate. Nesta sexta-feira, 8, Imane disputou a medalha de ouro em sua categoria, depois de ter atropelado outras adversárias.

Yu-Ting também vai em busca do ouro, no sábado. Ela venceu sua última luta antes da final nesta quarta-feira, 7. No final, sua adversária derrotada, a boxeadora turca Esdra Kahraman, estendeu os braços e fez um *"X"* com os dedos – o que foi interpretado como uma referência ao par de cromossomos XX que define o sexo feminino.

Nos esportes de elite, onde a diferença entre vitória e derrota pode dever-se a detalhes ou milésimos de segundo – como aconteceu na final dos 100 metros rasos em Paris, vencida pelo americano Noah Lyles – não faz sentido tratar as diferenças biológicas entre o corpo feminino e masculino como irrelevantes. Significa introduzir nas disputas um ingrediente que mesmo as atletas mais experientes e obstinadas podem não ser capazes de igualar.

Se a história das Olimpíadas, o desafio do *dopping* e as armadilhas, pode ser vista como uma batalha constante para garantir que os melhores sejam de fato os vencedores, permitindo que atletas intersexuais ou transexuais participem de disputas como se isso nada significasse é inconsequência dos organizadores. A discussão sobre o tema mal começou e está longe de ser pacificada. O COI, portanto, agiu mais como militantes de uma causa social do que como entidade preocupada com a lógica intrínseca do esporte.

Tanto no caso da abertura dos Jogos quanto no do boxe, a arrogância do COI trouxe riscos não para os próprios membros do comitê, mas para quem participou da apresentação e para os lutadores. Tanto drag queens quanto Imane e Yu-Ting receberam diversas ameaças de morte pelas redes sociais.

Enquanto isso, a indústria russa de memes e *deep fakes* , próxima do Kremlin de Vladimir Putin, se diverte bombardeando a imagem dos Jogos e zombando do Ocidente *"decadente e acordado"*. Um dos vídeos que se propagaram recentemente pelo Youtube mostra um Emmanuel Macron – o primeiro-ministro francês – gerado por inteligência artificial que canta rap e convidando o mundo a urinar no Rio Sena, contra o pano de fundo de uma Paris imunda.

A política é um vírus. Ela tende a contagiar todo organismo onde consegue penetrar. Por isso, os responsáveis por eventos como as Olimpíadas deveriam tratar como prioridade-los dessa infecção, em vez de transformá-los em veículos para a sua versão pessoal de *"justiça social"* . Nunca dá certo. Assim como a arte capturada pela política se transforma em propaganda, o esporte feito pela política se transforma... em propaganda. As respostas são proporcionais ou, às vezes, pior do que isso.

O esporte tem sua própria beleza e seus próprios valores a transmitir. Dedicação, perseverança, coragem, respeito pela excelência. A valorização do jogo limpo.

E quem vai negar que a imagem de Simone, Rebeca e Jordan comemorando umas às outras no pódio, depois de disputarem salto a salto uma medalha, traz algo de muito importante a países mergulhados no lodo da polarização?

Walter Faria, dono do Grupo Petrópolis: time estrelado de advogados

Recuperação sob suspeita

Negócio bilionário em favor do grupo Petrópolis contorno com juíza que já trabalhou com filho do ex-corregedor-geral de Justiça Luís Felipe Salomão

08.08.24

WILSON LIMA

Homologado em outubro de 2023, o processo de recuperação judicial do grupo Petrópolis tem sido questionado por alguns credores e por membros do Ministério Público do Rio de Janeiro por acusações e vícios processuais e falhas processuais encabeçadas pela então juíza da 5ª Vara Empresarial do Estado do Rio de Janeiro, Elisabete Franco Longobardi.

Entre os vícios, talvez o mais gritante seja o fato de que **a juíza responsável pelo processo nomeou como perito judicial um dos advogados responsáveis pela recuperação judicial do grupo Petrópolis em pelo menos dez ações separadas** . Uma possível situação de conflito de interesses.

O advogado em questão é Luís Felipe Salomão Filho, filho do ex-corregedor-geral do Conselho Nacional de Justiça Luís Felipe Salomão.

Salomão, o pai, é aquele ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ) que homologou um outro acordo, esse judicial, entre o Banco do Brasil e duas empresas que foram ligadas a Edison Lobão em plena noite de domingo, conforme revelado também com exclusividade um **Crusoé** .

Mas voltamos à recuperação judicial do grupo Petrópolis. Para quem não se lembra, o conglomerado é responsável por diversas marcas de cerveja, incluindo Itaipava, Crystal e Petra.

O grupo apareceu com certa frequência nas páginas policiais a partir de 2019, com o desencadeamento da 62ª fase da operação Lava Jato, denominada Rock City.

De acordo com a Polícia Federal (PF), o proprietário do grupo, Walter Faria, mantém uma estrutura de empresas no exterior para o pagamento de propinas. Teoricamente, Faria agia de forma homologada à Odebrecht, que também mantinha um setor de operações estruturadas para chamar de seu. Faria ficou preso durante um período de quatro meses. As investigações, para surpresa de zero pessoas, foram anuladas pela decisão do ministro do STF Gilmar Mendes.

Em dificuldades financeiras após a Lava Jato, o grupo acionou o Poder Judiciário e apresentou em março de 2023 um pedido de recuperação judicial para negociar dívidas que, no período, chegaram a aproximadamente 4,4 bilhões de reais. No início daquele mês, a juíza Elisabete Franco Longobardi assumiu a 5ª Vara Empresarial do Rio de Janeiro e ela passou a tomar conta do processo bilionário.

O grupo Petrópolis contratou um caminhão de advogados estrelados para tentar equacionar essa dívida. Só da família Salomão, foram três. Além do já mencionado Luíz Felipe Salomão Filho, o grupo contratou o outro filho do ex-corregedor, Rodrigo Cunha Mello Salomão, e Paulo Cesar Salomão Filho, filho de Paulo Cesar Salomão, que foi desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro e é irmão do ministro de Luiz Felipe. Há também Karine Nunes Marques –– irmã de Kassio Nunes Marques, ministro do STF.

Outros parentes de ministros já trabalharam com o grupo, como Viviane Barci de Moraes, mulher de Alexandre de Moraes, e Maria Carolina Feitosa, enteada de Gilmar Mendes. Ou seja, tudo em casa. Tudo em família.

Com esse plantel estrelado, o grupo conseguiu homologar o seu pedido de recuperação judicial sem pedido de perícia e em um tempo menor que o habitual.

Na decisão, Elisabete Longobardi determinou que as cláusulas de recuperação judicial foram " *objeto de extenso debate* " e que ocorreu uma " *votação aprovada à aprovação* " de todas as cláusulas pelos credores do grupo. De fato, o plano foi aprovado por uma assembleia formada por 96,4% dos credores em 11 de setembro. Mas a reunião foi questionada pelo Ministério Público.

Na manifestação, o MP argumentou que houve manipulação da assembleia, pela inclusão de uma cláusula em que os credores que endossaram a recuperação gerariam benefícios, enquanto aqueles que fossem contra seriam retaliados.

" *Cláusulas desse teor causam prejuízo à liberdade do voto e tratam de forma desigual credores que estão na mesma classe de crédito, simplesmente pelo fato de não concordarem com o plano posto em votação* ", argumentou o MP. " *Ora, quando conversamos do instituto da recuperação judicial subentende-se como uma reunião de esforços coletivos, onde credor e devedor, em razão da função social da empresa, cede para um bem maior.* "

Fontes que acompanharam a recuperação judicial do grupo Petrópolis apontaram o acordo judicial como um dos mais bem-sucedidos da história empresarial brasileira. Entre os trabalhadores, não houve deságio; mas entre os credores com garantia real, credores microempresários e quirografários (que não têm preferência de pagamento) houve um deságio de 70% sobre o valor nominal da dívida. Um baita negócio para os devedores.

A reportagem de **Crusoé** tentou contato com a juíza Elisabete Longobardi e com Luís Felipe Salomão Filho, mas não obteve retorno.

O grupo Petrópolis afirmou, por meio de nota, que *"não comenta processos judiciais em andamento"* .

O caso ainda está em trâmite na Justiça do Rio de Janeiro.

Ciro Gomes e o atual prefeito, José Sarto: briga com o PT de Lula e o governador Camilo Santana

Ciro dá o tom

Divisão à esquerda enche a disputa em Fortaleza de ressentimento

08.08.24

REDAÇÃO CRUSOÉ

A campanha para a prefeitura de Fortaleza, capital do Ceará, foi contaminada pelas agressões verbais. O pleito é o primeiro que ocorre após uma decisão entre o PDT, de Ciro Gomes, e o PT, do seu irmão, Cid Gomes, há dois anos. Furioso com o que chama de *"trairagem"*, Ciro partiu para cima dos seus rivais na esquerda. Sua verborragia acabou definindo o clima da eleição, que ironicamente tem mais chances de ser decidida na direita.

O pedetista Ciro apoia a reeleição do atual prefeito de Fortaleza, José Sarto. O cacique esteve presente na convenção do PDT que oficializou a candidatura, em 28 de julho. Na ocasião, Ciro criticou enfaticamente o governo Lula, reiterou denúncias contra a administração do governador petista do Ceará, Elmano de Freitas, e alfinetou seu ex-aliado e atual desafeto, Camilo Santana, ministro da Educação de Lula.

"A quadrilha em que se transformou o PT do Ceará: roubaram em todas as oportunidades que têm para roubar, mentem explorando a boa vontade do povo", disse Ciro na convenção pedetista. *"Hoje, por obra do senhor Camilo Santana, todos os presídios do Ceará foram divididos para as facções criminosas"*. Ele também chamou o petista Evandro Leitão, o nome do PT na disputa, de *"candidato da organização criminosa petista"*.

O candidato de Ciro, José Sarto, agrediu na mesma toada do seu guru, disparando contra todos os seus adversários. Sarto chamou o petista Evandro Leitão de *"candidato da covardia"*, por ele não ter assinado a CPI do narcotráfico em 2018, alegando temor.

O PT respondeu em sua própria convenção, alguns dias depois. *"Vamos superar uma fase que tem gente mais preocupada em fazer briga política que em fazer benefício para o povo de Fortaleza. Ver quem faz e quem fica fazendo briga política"*, disse o governador cearense Elmano, em referência aos ataques recorrentes de Ciro Gomes.

A separação entre o PT e o PDT, no Ceará, ocorreu nas eleições de 2022, quando Ciro Gomes e o então governador Camilo Santana não entraram em acordo em relação ao nome que seria indicado para sucedê-lo no posto estadual. Camilo através da pedetista Isolda Cela, sua vice-governadora, como candidata natural. Ciro, porém, não abriu a mão do nome de Roberto Cláudio, ex-prefeito de Fortaleza, como candidato pelo PDT. Formalizou-se, então, a candidatura do aliado de Ciro, pelo PDT. Camilo Santana tomou outro caminho e lançou o petista Elmano de Freitas que, com o apoio dele e de Lula foi vitorioso no primeiro turno.

O principal argumento dos petistas para ganhar votos na próxima eleição é a possibilidade de obter um alinhamento total em três níveis de poder: o federal com Lula, o estadual com Elmano e o municipal, com Sarto. O presidente petista, que está há várias semanas em campanha, alimenta abertamente essa promessa. No palco, ele manteve Evandro Leitão para a frente do palco e disse: *"Quero que você tenha a oportunidade de ser prefeito com governador amigo e com presidente amigo. Quando você precisar de qualquer coisa, me ligue."*

Os dois principais candidatos de esquerda têm somados 27%, segundo o Datafolha. O pedetista Sarto aparece com 19% e o petista Evandro Leitão, com 8%. Mas é a direita que aparece com mais interesse de voto: 53%.

Mas, assim como a esquerda vai disputar a prefeitura de Fortaleza fraturada pela briga entre PT e PDT, a direita também não encontrou um denominador comum e sairá com três candidaturas distintas. O Capitão Wagner, do União Brasil, está à frente de todos com 32% das intenções de voto. André Fernandes, do PL bolsonarista, tem 14%. Eduardo Girão, do Novo, aparece com 7%.

Capitão Wagner tentou o governo do estado em 2022 e ficou em primeiro lugar na capital. Esta será a terceira vez que ele tentará a prefeitura. Segundo ele próprio, esta é a eleição de sua vida. Wagner já é conhecido por perder fôlego no final da campanha, quando as máquinas eleitorais começaram a operar a pleno vapor. Em 2016 e 2020, ele foi ao segundo turno, mas acabou sendo derrotado respectivamente por Roberto Cláudio e José Sarto, ambos do PDT. Embora tenha crescido no cenário político defendendo pautas na área de segurança, Wagner agora tenta se mostrar como um conhecedor em áreas como saúde e educação. Considerado por muitos como um bolsonarista, ele já não detém mais a exclusividade desse rótulo. Jair Bolsonaro está apoiando a candidatura de André Fernandes, do seu partido, o PL.

Wagner também se distanciou recentemente de Girão, um antigo amigo seu. Quando o senador pelo Novo decidiu disputar a prefeitura de Fortaleza, acabou sugando parte de seus votos.

Num provavelmente segundo turno, a direita teria mais condições de ganhar. Mas, até lá, a disputa em Fortaleza ainda vai ter muito ressentimento no ar.

O dia a dia de uma bolsista brasileira em Harvard

Sarah Borges veio de Goiânia para estudar em uma das mais prestigiadas instituições de ensino do planeta. À Crusoé, ela conta seu caminho e sua realidade

09.08.24

FELIPE MOURA BRASIL

Sarah Borges é o que se define como *"polímata"* — **aquela pessoa que possui habilidades em muitas áreas** .

Aprovada em quinto lugar no Enem para cursar Medicina na USP, ela optou por estudar Psicologia e Ciência da Computação em Harvard, tornando-se a primeira bolsista de Goiânia em uma das universidades mais prestigiadas do mundo.

Como guia turística do campus, Sarah apresenta estádios, prédios, salas, bibliotecas e refeitórios, com a desenvoltura de uma comunicadora, enquanto recebe abraços afetuosos de amigos e amigas de diversos países que vão aparecendo pelos jardins e corredores, entre uma aula e outra.

Eu, Felipe, a atriz e apresentadora Regina Casé e alguns outros convidados da Brazil Conference, realizada em abril de 2024, em Boston, nos Estados Unidos, especialmente o privilégio de conhecer a cidade universitária ciceroneados por esta verdadeira cidade do mundo, que, naquela semana, interrompia seus intercâmbios em Oxford, no Reino Unido, para colaborar com a organização do evento.

Trajetórias fascinantes como a de Sarah inspiraram esta série de entrevistas realizadas por ***Crusoé*** com estudantes brasileiros de destaque, iniciada no final de julho com Matheus Farias, o primeiro PhD. em Engenharia em Harvard, e continuada em agosto com Verena Paccola, estudante de Medicina que descobriu asteroides.

"No geral, estou muito interessado em saber por que as pessoas se comportam da forma como se comportam, como que os grupos aos quais elas pertencem ou a cultura onde elas estão inseridas nas preocupações do comportamento ou como elas pensam. E isso acabou me levando à psicologia clínica, que no começo eu descobri que não ia me interessar", diz Sarah.

Durante uma de suas passagens por São Paulo, ela falou dos momentos decisivos de sua história, desde os sonhos no Brasil até o cotidiano entre os professores americanos.

Com toda a confiança, claro.

Assista à entrevista abaixo (ou leia sua transcrição):

Sarah Borges, seja muito bem-vinda aqui no Crusoé Entrevistas.
Obrigada, Felipe. É um prazer para mim estar aqui com vocês hoje.

Então, eu estava no Brazil Conference e Regina Casé sendo guiada por Sarah Borges num tour por Harvard, um luxo. Ela foi apresentando para as pessoas tudo da faculdade, de cada setor da universidade americana. E, ela ia falar com um monte de gente. Um monte de gente ia falando com ela. [Sarah é] alguém que está ali há três anos e que já criou muitos vínculos e muitas amizades, não é isso?
Obrigado. Foi uma coincidência que eu vi vários amigos ao longo do caminho, mas foi realmente um prazer. Fui inclusive guia turístico oficial da faculdade durante o verão do ano passado. Então, aceitei esse convite com um prazer de apresentar uma faculdade.

Agora, conte um pouco da sua história familiar. Você vem de Goiânia, lá no interior do Brasil, e sempre foi muito dedicado à escola. Os seus pais já perceberam desde cedo que você tinha um talento acadêmico. Como foi esse começo?
É, eu acho que não tem como falar de mim sem falar da minha família. Então, acho que essa é a melhor primeira pergunta que você poderia fazer. Quem faz parte da minha família, né? Eu tenho meus dois pais e eu tenho duas irmãs, uma irmã mais velha e uma irmã gêmea, que acabou perseguindo um caminho diferente do meu. Ela ficou aqui no Brasil, mas temos interesses bastante parecidos. Tanto eu quanto a minha irmã éramos muito dedicadas na escola desde o começo. Então, eu acho que, sim, os meus pais sabem disso. Inclusive, a gente sempre recebeu o auxílio financeiro das escolas onde a gente estudou. Então, eu estudei em uma ótima escola em Goiânia. Eu cursei primeiro o ensino fundamental na Escola Interamérica, onde fui super bem recebido. A minha família é próxima das pessoas que tiveram a escola, então foi um ambiente que eu pude cultivar esse amor pela educação e sempre com o incentivo dos meus pais. Nenhum dos dois avanços na carreira acadêmica. Eles fizeram até o ensino superior, mas ele sempre... Era dado para mim e para as minhas irmãs que a gente ia estudar e que a gente ia fazer faculdade, então eu sei que essa é uma felicidade que muita gente não tem.

Seu pai e sua mãe no caso, né? Você falou os dois pais... Hoje em dia, tem que esclarecer só para deixar assim...
É, meu pai e minha mãe, boa correção. Então, os dois sempre incentivaram os estudos. Eu lembro assim da minha mãe levar a gente na escola, participar de todas as reuniões, eventos para os pais. A gente participava de feiras de ciência, feiras de empreendedorismo... Então, o meu ensino fundamental foi muito bacana. Eu realmente adorava meu passar tempo na escola e passava muito tempo lá, porque a mãe e o meu pai trabalhavam o dia todo. Meu pai é engenheiro civil, ele trabalhou numa indústria. Hoje, aposentado, mas ele trabalhou numa indústria de cosméticos em Trindade. Então, era uma hora de distância de onde a gente morava. Então, ele acabou passando o dia inteiro lá e voltou para Goiânia no fim da tarde. A minha mãe tinha uma loja de sapatos, depois mudou para uma loja de móveis, então ela também estava passando muito tempo no trabalho. Então, acabei que eu e a minha irmã estávamos passando muito tempo na escola estudando. Eu lembro que, desde o ensino fundamental, eu dava monitoramento para outros estudantes.

Já tinha aí um elemento de professora, que seria turbinado ao longo dessa vida acadêmica como a gente vai ouvir mais adiante.
Sim. Eu lembro que o meu presente favorito foi um quadro de escrever. E aí, a minha tia me deu esse presente. A gente estava brincando de ensinar eu e a minha irmã gêmea. Então, eu fui mesmo... Eu sempre gostei muito de ensinar e de aprender.

E aí você prestou vestibular para Medicina e já tinha esse interesse desde cedo? Eu sou de família de médico, eu sei que médicos muitas vezes desde a adolescência já quer ser médico, já bota na cabeça aquilo, não muda, mas você veio a mudar depois. Mas, naquela fase era muito certo?
Não era certo. Inclusive, se conecte com por que eu apliquei para fora. Eu sempre estudei muito, gostei muito da escola de estudar diferentes assuntos. Participei de olimpíadas científicas no Ensino Médio e sabia que ia fazer uma faculdade, mas não sabia o que eu ia fazer. Eu passei quase todo o ensino médio sem ter muita clareza do que eu iria fazer. Achei que eu não queria Direito, mas não sabia exatamente, o que seria. E, quando foi no meu terceiro ano, que aí eu tinha que decidir porque eu iria fazer o Enem em outros vestibulares, comecei a ver as opções. Aí, lembro que listei todos os cursos oferecidos pelas universidades públicas do país e aí fiquei pensando: 'Ah, quais esses cursos que eu gostaria de fazer no futuro?'. E aí eu cheguei a uma lista um pouco menor, mas era assim... Ah, eu gostava de ciências. Então, eu via fazendo algo próximo de biologia química. Queria algo que me desse uma ampla gama de oportunidades. Eu descobri que Medicina era um desses cursos e eu queria algo que me permitisse fazer pesquisa, porque eu sabia que eu gostava muito de estudar, sabia que eu queria continuar estudando, e eu me via fazendo pesquisa, sendo professora, e eu gostava muito do cérebro de estudo biológico. Então, pensei: 'Ah, acho que a medicina pode ser uma boa opção'. Mas, não foi uma decisão muito certa.

E aí você passou para qual universidade?
Eu passei para Medicina na UnB pelo PAS e para Medicina na USP, passei em quinto lugar pelo Enem.

Passou em 5º lugar pelo Enem para Medicina na USP. E aí, a sua família queria que você ficasse lá?
Queriam que eu ficasse... A minha família não tinha muita noção do que eu tava fazendo aplicando para fora. Então, eu lembro que, enquanto eu estava escrevendo as redações *para fora, para aplicar para fora do país, a minha mãe me via fazendo aquilo e ela perguntava: 'Sarah, você não deve estar estudando para o Enem?'. E, eu pensei: 'Eu não sei, talvez eu devasse, mas aqui estou'.*

Então, já estava aplicando para fora antes mesmo de fazer as provas de vestibular.
Foi ao mesmo tempo, foi no final do meu ensino médio, no terceiro ano. Então, eu optei por fazer os dois, mas a minha família achou que eu deveria ficar no país, porque era o que vinha sendo construído até então de planos. Eles também não sabiam muito das faculdades de lá, conheciam de nome só Harvard mesmo. Então, acho que foi um pouco mais fácil de convencê-los a ir para Harvard do que outra universidade. Mas, fui questionado assim se eu não queria ficar mesmo fazendo Medicina aqui, no Brasil.

Quando você surgiu em Harvard, você estava procurando na Internet esses formulários de inscrição? Que tipo de vaga teria? Quais eram os requisitos? Foi simplesmente vasculhando os portais? Porque, é até bom deixar claro para estudantes, para jovens, que assistiram a esta entrevista que tem muitas oportunidades para a faculdade nos Estados Unidos que estão online.
Sim, isso é super importante. Eu sempre gosto de falar, porque foi o que mais me ajudou. Então, primeiro eu procurei no YouTube. Então, comecei a buscar como fazer pra estudar nos Estados Unidos. Eu descobri que os Estados Unidos eram mais próximos do Brasil. E dando um passo para trás: 'Por que eu comecei a olhar?'. Foi essa questão de não me ver fazendo um curso. Só parecia que eu não encaixava no sistema de Ensino Superior aqui, do Brasil, e eu queria algo que me desse mais flexibilidade e eu comecei a falar para as pessoas. Comecei a reclamar quase...

Eu me identifico muito com isso. Deixa eu fazer um parênteses, não perca aí a sua linha de julgamento. Mas, eu, até quando dou entrevistas também, quando eu estou no seu lugar, em podcast, etc, eu sinto muito... Há uma expressão que está no livro de minha formação de Joaquim Nabuco, que foi o mais influente dos abolicionistas brasileiros. Já depois da velhice, ele fez um livro sobre toda a biografia e a biografia intelectual dele também. E, ele falou da incompressibilidade, quer dizer que não podia comprimir, porque eram interesses muito amplos. Ele também teve uma carreira política, mas sempre foi mais intelectual do que político. Ele falou que se sentia muito limitado pela política 'pequeno partidária', como ele chama. Então, você tem que aderir à agenda do partido, você tem que focar naqueles problemas, muitas vezes pequenos, fazer aquelas reuniões, assembleias, etc. E ele estava muito mais antenado com o drama humano contemporâneo universal. Então, os grandes acontecimentos do mundo naquela época, eram Paris ou estavam em qualquer outro lugar continente, ele de repente virou o olho e falou: 'Esse é o grande drama da humanidade' Hoje, provavelmente, ele estaria com os olhos ligados na guerra na Faixa de Gaza, na guerra da Rússia contra a Ucrânia, em todos esses conflitos que a gente aborda aqui diariamente em O Antagonista. Então, assim, na época de sair da faculdade, de escolher o rumo, eu também fiquei com isso, assim tudo me parece muito específico, e eu queria ter uma abordagem mais ampla, ter um leque de possibilidades. Aí, inventei isso de ser colunista, de ser cronista, de escrever, de ser jornalista, porque permite que você fale de muitos assuntos. Mesmo dentro do mercado de comunicação do jornalismo, você tem carreiras muito específicas. Eu falei: 'Não vou ficar limitado a isso. Eu quero é essa abrangência'. Então de certa forma, você também descobriu uma abrangência dentro mais ou menos dessa área.
Sim, isso me faz pensar que, se eu não seguir carreira acadêmica, eu ia querer virar a jornalista.

Seria muito bem vindo aqui, Sarah Borges.
Eu gosto muito de poder explorar diferentes áreas do conhecimento e traçar suas próprias redes, que eu acho que é algo que eles permitem que as pessoas façam lá fora muito mais às vezes do que aqui no Brasil. Então, esse foi um grande fator para eu começar a procurar estar fora. Sem ter nenhuma noção de como era o processo, se era possível, a única coisa que eu sabia das universidades dos Estados Unidos era que elas eram muito caras. Então isso para mim já era um obstáculo. Eu tive uma espécie de, primeiro, a minha irmã mais velha comentou: 'Ah, por que você não olha as universidades fora?' Então, eu não sei se ela estava falando brincando assim: 'Ah, já que você está tão frustrado com as opções que têm aqui, no Brasil, por que você não olha algo fora?'. Mas, eu levei a sério. Comecei a buscar, eu busquei no YouTube, primeiro, como fazer para estudar nos Estados Unidos e eu encontrei histórias. Por isso que eu acho que é tão bacana o trabalho que você está fazendo de trazer gente para compartilhar as histórias, porque foi assim que eu acabei lá. Eu encontrei a história de uma menina que estava em North Western, com bolsa completa, que também é uma universidade muito boa nos Estados Unidos e eu achei aquilo incrível. Nossa, você pode estar em uma universidade que lhe permite estudar ou que você quiser e você recebe uma bolsa para isso. Às vezes, fica até mais barato do que estudar no Brasil e você mora na universidade. Você conhece gente do mundo inteiro. Então, pensei: 'Nossa, isso é uma oportunidade que eu quero ter'. E, foi assim que eu comecei. E aí, encontrei a BRASA, que foi fundamental também na minha trajetória. A BRASA, para quem não conhece, é uma organização de estudantes brasileiros que estudam no exterior. Ela começou nos Estados Unidos, mas hoje eles têm capítulos no mundo inteiro, eu acho que na Europa e na Ásia também. E eles oferecem mentorias gratuitas para quem quer estudar fora. Você tem que passar por um processo seletivo e eu tive a sorte de ter encontrado isso uma semana antes, eu acho, das inscrições consagradas. Então, eu mandei tudo ali correndo e eu disse para mim mesma: 'Se eu passar, eu vou tentar. Se eu não passar, acho que vai ser muito difícil fazer isso sozinha, se tiver uma espécie de aceitação'. E aí, eu decido seguir esse sonho.

Comemorou muito?
Mais, mas só depois da acessibilidade.

E já era específico de biologia ou era simplesmente o ingresso em Harvard?
Você tem que indicar o curso em que você tem interesse. Mas não é nada que você tenha que se comprometer a fazer. Então, eu indiquei que tinha interesse em neurociência e também estudos sociais, que no final virou psicologia. Eu acho que eu só não sabia que lá eles davam esse nome. Eu tinha ideia de que psicologia era só terapia, psicologia clínica, como é aqui no Brasil, o que não era exatamente o que eu queria fazer. Então, acabei de perguntar essas perguntas. Mas você pode trocar depois, é muito flexível. Acho que, nesse primeiro momento, eles só querem saber o que mais ou menos você está interessado em fazer na faculdade.

Quer dizer que Sarah está mais ligada nessa área de psicologia social. Nós inclusive conversamos lá, em Harvard, sobre o livro que eu já recomendei várias vezes aqui, em O Antagonista, de Jonathan Haidt. É *"A Mente Moralista"* , que fala por que é que as pessoas se segregam tanto por causa de religião e de política. Enfim, nesse tema mais sensível, mas ele apresenta uma série de estudos que envolvem neurociência também e que fala dessa psicologia das massas dos grupos, aliás como uma professora que tem lá, né? A Sarah me indicou e eu fui acompanhar a obra dela, tem vídeos excelentes no YouTube, a Mina Cikara. Ela fala a respeito dessa questão de grupos, que é objeto presente no meu trabalho, é sobre a adesão a determinados grupos e como as pessoas começam a se comportar de maneira diferente, porque se julgam no grupo do bem contra o mal. Então, você tem uma professora em Harvard que também aborda essas questões. O que você destacou de aulas, de curso, professores que chamaram a sua atenção e tiveram alguma linha de interesse que você pode desenvolver mais adiante?
Sim, eu venho fazendo projetos de pesquisa desde o meu primeiro ano e já passei por três laboratórios de Psicologia lá na faculdade. O primeiro que me interessou foi o laboratório da professora Mahzarin Banaji. Ela é uma das maiores psicólogas sociais, eu diria. E o foco de estudo dela é preconceito implícito , ou "viés implícito". Ela que cunhou esse termo e desenvolveu os experimentos que levaram a gente entender o que é um viés implícito. E, é basicamente essa ideia de que, sim, temos ver os explícitos, aqueles que a gente reconhece e fala para as outras pessoas que a gente tem, mas também existem viéses implícitos que às vezes não percebemos. Mas, por conta de associações que a gente acaba de fazer, o nosso cérebro é uma máquina de previsão, então naturalmente, à medida que a gente vai encontrando exemplos, a gente vai criando associações. E com isso a gente pode fazer essas relações automáticas, sem mesmo perceber. E, eu achei aquilo muito interessante. Ela realmente ampliou uma área da Psicologia que não vinha sendo investigada até então e que inclusive busca explicar porque que nós ainda vemos discriminação ou diferença de tratamento para alguns grupos, sendo que, quando você faz uma pesquisa de opinião, as pessoas não falam mais que elas têm qualquer tipo de preconceito contra esses grupos. Então, explique um pouco dessa divergência do que a gente admite e o que, de fato, acaba acontecendo implicitamente...

Muitas vezes, ao expressar, a pessoa sabe que aquilo é negativo e ela rejeita mas não quer dizer que ela, nas suas atitudes, não tenha muitas vezes uma conduta ruim, uma conduta que não seria adequada. Isso tudo é muito interessante. Obviamente, o mercado de comunicação está repleto de sinais de visão, explícitos e implícitos, mas continue.
É isso mesmo. E eu acho que o legal da pesquisa dela é que ela levou isso para o público. Então, hoje, ela tem um projeto que chama Outsmarting Implicit Bias , que busca divulgar essa pesquisa que ela fez e ajudar pessoas de cargas importantes a não tomar decisões com base em visões. Então, ela levou isso para esses tribunais nos Estados Unidos, pessoas que caso elas deixaram incorporar visões...

Seria ótimo dar umas aulinhas aqui para os tribunais brasileiros. Eu acho que não tem muito jeito não, porque acho que o problema é de outra natureza, mas, se ela puder trabalhar seria, muito bem-vinda, um recadinho rápido aqui.
Vamos ver se a gente consegue trazer a minha professora. Mas, então, desde então, eu mudei um pouco de caminho. Continuo muito interessado em psicologia social. Fiz alguns projetos relacionados à desinformação, inclusive tentando entender se tem algo que poderemos fazer, algum tipo de treinamento para que as pessoas consigam identificar notícias falsas antes mesmo delas aparecerem, seja no feed das redes sociais...

Temas quentíssimos do momento e que são de profundo interesse de O Antagonista e Crusoé. Em breve, Sarah Borges estará colaborando com a gente.
Adoraria. Eu acho que tem muita coisa que pode ser feita, e muita gente não sabe que tem esse lado da Psicologia que trata desses temas que são tão relevantes atualmente. Então, eu fiz um trabalho sobre isso. Fiz um trabalho sobre psicologia das mudanças climáticas: 'Por que as pessoas têm tanta resistência em mudar comportamentos que ajudariam a resolver essas grandes questões?'. Assim, acho que tenho interesse muito grande pela psicologia, acho que no geral estou muito interessado em saber por que as pessoas se comportam da forma como se comportam, como que os grupos aos quais elas pertencem ou a cultura onde elas estão implicações sobre o comportamento ou como elas pensam. E isso acabou me levando à psicologia clínica, que no começo eu descobri que eu não ia me interessar...

Você vê como os caminhos muitas vezes são diferentes, mas acabam dando no mesmo lugar.
Enfim, eu saí da Medicina achando que não quero tratar a doença. Isso é muito difícil. E agora eu acho que é o que eu mais me interesso dentro da Psicologia, mas, ainda assim, com vidas sociais, de entender como questões sócio-econômicas, como que questões culturais acabam levando ao adoecimento. Há questões de saúde mental. E então fazer essa intercessão entre o que eu penso até agora e o que acabei de encontrar dentro da clínica de psicologia.

Você já conseguiu vislumbrar um caminho profissional para você, quer dizer como transformar isso nesta iniciativa sua? Porque você falou que gosta de ensinar, gosta de ser pesquisadora. Agora, você já tem um caminho para fazer realmente com essa profissão?
Sim, com certeza. Eu acho que essa é a pergunta de ouro que eu também estou fazendo agora, indo para o meu último ano de faculdade. Assim, eu gosto muito de pesquisar em si, de desbravar o conhecimento e expandir a fronteira do que a gente conhece dentro dessa área, mas eu acho muito importante também trazer isso para as pessoas, de alguma forma aplicar todo esse conhecimento. Eu acho que, por isso, me inspirou tanto nessa professora que mencionei, que tem esse projeto de divulgação científica. Hoje, estou fazendo meu projeto de tese, que seria o TCC aqui, no Brasil, estudando uma coorte de quase 4.000 crianças que foram acompanhadas desde que elas tinham seis anos até já a vida adulta para entender como esses fatores sociais e, em em particular, o que eu vou focar em estigmas relacionados à saúde mental afeta a progressão dos sintomas mais tarde na vida deles. Então, já estou conseguindo trazer isso de volta para o Brasil. Uma coorte brasileira. E, estou usando os recursos que tenho na universidade e o apoio do meu professor para traduzir dados em conhecimento. Os dados já estão lá. O que precisamos fazer agora é encontrar correlações, encontrar conexões que expliquem o que a gente está vendendo nos dados.

Qual foi a palavra que você usou? "Corte Brasileira"? Porque "corte" remete a tribunal, mas não é disso que você está falando.
Não. Bom ponto. Coorte é o termo que eles usam para descrever grupos de estudo. Então, nesse caso, eles selecionaram crianças que estudaram aqui, em São Paulo, e em Porto Alegre para participarem desse estudo. Essas crianças formaram uma coorte brasileira, que eles chamam de coorte brasileira de crianças de alto risco, alto risco para desenvolverem algum tipo de transtorno mental. Então, são esses dados que eu vou usar. fazendo umas parcerias com o sou pessoal da UNIFESP e também com o meu supervisor em Harvard para esses dados. Mas, então, eu gosto muito de pesquisa. Mas, eu já tenho planos para trazer isso para as pessoas e talvez disso tirar uma iniciativa. Eu acho que o interessante da pesquisa é que ela ilumina quais são os fatores de risco e também fatores de resiliência. Então, o que leva uma pessoa a adoecer e o que pode proteger uma pessoa ou evitar o adoecimento. E, uma vez que as pessoas têm esse conhecimento, as pessoas podem desenvolver tratamentos ou intervenções que eliminem esses fatores de risco ou de resiliência e medidas preventivas. Eu acho que isso tem aplicações tanto em políticas públicas quanto no setor privado, desenvolvendo realmente novas técnicas de tratamento. E, eu estaria super interessado em alguma forma... Seja criar um projeto ou então avaliar no desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a saúde mental ou até mesmo, alguma empresa que visa desenvolver tratamento. Mas, o que eu gosto mesmo é pesquisa. Então, imagino que vou seguir fazendo pós-graduação, doutorado. E aí depois disso...

Agora você já faz mentoria. Explica para a gente como é que funciona essa mentoria. É em relação a quê? A vestibulandos, a gente se preparando para vestibulares e outras provas aqui, no Brasil?
Sim. Eu sou mentora desde que... Bom, como eu comentei para você, desde o ensino fundamental, eu venho ajudar alguns colegas, mas eu virei mentora oficialmente quando fui aprovado nos Estados Unidos. E, aí, eu... Sabendo do quanto foi impactante ser mentorado pela BRASA, eu ingressei na HBASS , que é uma organização de alunos que estudam em Harvard, em todas as escolas, não só na graduação; e eu sou mentora por lá. A gente oferece mentorias gratuitas, existe um processo de aplicação para quem quer nos Estados Unidos... Mas eu acho que existe uma demanda anterior a essa de pessoas que sonham grande, que têm uma capacidade, que são dedicadas na escola a saberem quais são os caminhos que existem e como eu faço para manejar tudo isso, que foi a posição em que eu senti que eu estava lá no Ensino Médio. Eu era muito dedicado na escola, queria fazer coisas grandes, mas não sabia muito o que eu poderia fazer e que vestibular se manifestar, onde se candidatar. E, além de todo o processo, que tem vários componentes. Então, eu e a minha irmã gêmea, que faz medicina aqui na USP... Ela acabou ficando, nós entramos na mesma turma, eu fui pra Harvard, ela ficou aqui. E, nós criamos um projeto conjunto para ajudar as pessoas que querem fazer vestibular aqui no Brasil, os vestibulares mais competitivos, ou então aplicar para fora. Eu ajudo mais na parte a aplicar para fora, ela ajuda mais na parte de ficar aqui, no país.

Qual é o nome dela?
Sofia Borges. Ela inclusive foi aceita para um programa em Harvard também. Então, a gente vai estar junta ano que vem. Ela vai estar na faculdade de saúde pública.

Ela é igualzinha a você.
Olha, eles falam que o médico errou, porque a gente não é univitelina, mas a gente é muito parecida. Então, só vendo para dizer. Eu acho que a gente é diferente, mas todo mundo fala que nós somos muito parecidos.

Além de tudo o que Sarah fez, ela também, dentro desse intercâmbio que você ganhou uma bolsa de estudos em Harvard, ela conseguiu outro treinamento, ainda para estudar em Oxford no Reino Unido. Contar para a gente como é que foi essa experiência.
Eu acabei de voltar, inclusive. Cheguei tem duas semanas. Foi uma experiência incrível. Eu acho que essa foi uma das razões também porque eu decidi aplicar para fora. Lá, eles têm várias oportunidades de você ir para outros países e eu, sabendo do tanto que eu já tinha aprendido estando ali em outro país, eu pensei: 'Ah, poxa, eu tenho que abraçar essa oportunidade'. Então, eu acabei de aplicar. Você tem que fazer um outro processo especificamente específico para a universidade de Oxford e passou por esse processo seletivamente no ano anterior. Fui aceito para fazer um semestre lá. Então, passei de janeiro até junho estudando lá, como aluna comum. Então, eu morava em um dos colégios, jantava, almoçava com os alunos de lá, e fazia os tutoriais, que são as aulas, como eles chamam as aulas de lá. E, foi uma experiência incrível. Acabei explorando algumas áreas diferentes também porque lá, como o aluno visitante, eu tinha muita facilidade. Eu fiz aula de psicologia clínica, fiz matemática e algumas aulas de sociologia também.

E como é que a computação entra nessa história toda? É um interesse por se manter antenado, moderno, ou tem algum link secreto com a área de psicologia social?
Tem *um link secreto. Muita gente me faz essa pergunta porque eles acham que são dois opostos. Eu acho que faz sentido mesmo. Como o meu interesse é em pesquisar e desenvolver técnicas avançadas de você processar dados e transformar esses dados em respostas concretas, a computação tem muito a ajudar. Então, os projetos de pesquisa que eu venho fazendo na faculdade fazem uso de base de dados gigantes, e a gente usa de programação, de análises, para processar esses dados. Então, tem, sim, uma conexão entre os dois.*

Agora conte um pouco de sua rotina lá em Harvard. Você joga vôlei, não é isso?
Jogo de vôlei, sim.

Você não tem um horário de aula tão pesado, né? Acho que me parece...a minha impressão de quem pegou vocês quando esteve lá é de que existe uma cobrança de resultado, mas é, ao mesmo tempo, eles te dão a liberdade para trilhar o seu caminho e entregar aquilo da maneira como você achar que vale, né?
Sim, eu acho que lá a gente tem muito mais tempo fora da sala de aula. Então esse foi inclusive um dos fatores mais difíceis de transição, porque eu estava acostumada no ensino médio a ficar o dia inteiro na escola e quando comecei a faculdade eu vi que eu ia ter muito tempo livre, mas eu acho que é um pouco enganador porque na verdade não é tempo livre, né? É o tempo que você tem que usar fazendo as leituras para a próxima aula, estudando para provas ou fazendo as tarefas que tem toda semana. Então é muito mais tempo de autoestudo assim, autoaprendizagem , fazer que isso tudo dentro da sala de aula, mas óbvio que dentro desse tempo livre você não está só estudando, né? Eu acho que é o mais comum é mesmo que você faça várias atividades extracurriculares, se envolva com projetos fora da sala de aula, fora até mesmo do seu curso e eu também abro oportunidades acesas. A Brazil Conference é um exemplo. Eu venho trabalhando no BC desde o meu primeiro ano em diferentes iniciativas e acho que você aprende muito também por meio desses projetos. É como você está falando: se desenvolver holisticamente. Uma coisa que você aprende só o conteúdo ali dentro da sala de aula e outra coisa é você aplicar, desenvolver comunicação, como se relacionar com outras pessoas...e eu acho que para isso você tem que fazer esses projetos fora da sala de aula. Então é algo que eu encorajo até quem está no ensino médio: quem está pensando em aplicar, é um fator que eles buscam na hora de aceitar os estudantes — que é algo bem diferente do Brasil, em que eles levam em consideração somente as provas . Então acabou que os estudantes que chegam lá também já estão acostumados a desenvolver projetos, participar de organizações e eu venho participando de algumas iniciativas desde que eu comecei. Mas também gosto muito de esporte, faço vôlei, jogava vôlei lá em Goiânia e entrei para um grupo de trilha. Essa foi nova porque...

Trilha?
Trilha. Para quem conhece Goiânia, é totalmente plano

Mas em Goiânia. Não lá em Boston? *Lá em Boston.*

Lá em Boston? Tem trilhas pra fazer?
Tem muitas trilhas.

Esse é um programa muito carioca, eu faço bastante trilha, cachoeira.
Então tem que trazer os cariocas. Acho que eles iam gostar— é que só é bem frio, né? Acho que essa é uma grande diferença. Mas vamos é quase todo o semestre, tem sempre trilhas e a ideia é levar os alunos para experiências na floresta. Então a gente geralmente dirige até New Hampshire, que é o estado vizinho e lá tem muitas montanhas. Então é muito legal. A gente tira geralmente um dia ali no final de semana para fazer isso — porque é realmente difícil dada a rotina de estudos — mas é um é um tempo assim de descontração e também de conhecer outras pessoas. Foi super legal assim também aproveitar esse outro lado da Universidade que eu não tinha experimentado até então.

E duas questões aqui agora, encaminhando para o final. Primeiro: só para os jovens terem uma noção, você ganha uma bolsa e você ganha um quarto lá na faculdade, num prédio, não qual você fica durante toda a sua graduação?
Sim. lá no College é diferente de pós-graduação. Então é quando eu falo 'College' é graduação, para estudantes que foram lá fazer faculdade. Para quem tem bolsa, você recebe...basicamente todos os custos são cobertos pela universidade. Então desde a alimentação, passagem aérea, o quarto como você falou, as taxas da universidade... tudo é coberto pela Bolsa.

Bandejão é bom?
Bandejão...Olha isso é controverso . Bem controverso. Olha, eu acho que é ótimo, você tem várias opções, têm salada. Eu acho que é importante ter várias opções. Mas é menos saudável, eu diria, que no Brasil...então a comida daqui continua sendo melhor. Mas o quarto é diferente do primeiro ano para os demais. No primeiro ano todos os alunos do primeiro ano moram no quintal, que é o jardim. Inclusive a gente passou por lá durante o tour. Eles moram em prédios e a ideia é começar a criar uma comunidade de alunos do primeiro ano e começar a formar essas primeiras amizades. E todo mundo almoça e jantar no mesmo refeitório, que é reservado para os alunos do primeiro ano. E aí, uma vez que você passa pro segundo ano, você é designado para uma casa...Então, para os fãs de Harry Potter: eu nunca tinha assistido antes de chegar lá, então não sabia muito bem, mas é bem parecido. Então você tem casas diferentes e é designada uma casa para morar durante os próximos três anos, uma graduação lá tem quatro anos. Aí você fica morando num dormitório dentro dessa casa, que na verdade são grandes prédios, cada uma tem 400 alunos. A ideia é formar uma como uma subcomunidade dentro da universidade. E aí cada casa tem sua biblioteca, tem seu refeitório. A minha corte que eu falo que é o melhor — mas muita gente vai falar que não é— então tem uma disputa ali também entre as casas... mas é um ambiente muito legal, você acaba conhecendo vários outros alunos.

E a Brazil Conference, como é que foi essa experiência de organizar? Você especifica, principalmente aquela parte dos cientistas brasileiros, né?
Sim foi uma experiência fantástica—eu diria assim que uma das minhas melhores experiências na universidade até agora foi ter liderado o programa lá do Matheus e, no ano anterior, eu ajudei a conceber o programa ao lado do Gabriel e de todo um tempo ali, que que surgiu em como valorizar a pesquisa nacional, né? Acho que, olhando para trás, e até incrível pensar que a gente faz essa conferência em Harvard e no MIT para celebrar a academia, a ciência, trazer essas conexões...Mas ainda não tinha um programa para os pensadores brasileiros. Então a ideia de que ela surgiu foi muito natural não que deveria acontecer. Justamente o intuito foi valorizar esses pesquisadores que, mesmo diante dessas dificuldades, mesmo às vezes sem o reconhecimento ou até mesmo com ataque de alguns setores, continuam fazendo pesquisa de qualidade e pesquisa de altíssimo nível, acima das universidades de fora mesmo, mas que não é reconhecido então o papel do programa é considerar e promover pessoas que querem fazer pesquisa e—

Quais áreas? Tecnologia?
Todas as áreas. Ano passado, nesse ano na verdade, nós tivemos pesquisadores de várias áreas diferentes, desde a bioquímica, tinha nas Ciências Sociais psicologia, tivemos pesquisadores que trabalharam com fome...então são várias áreas, todas as áreas que são abraçadas pela Capes aqui no Brasil e pelo CNPQ, a ideia é trazer diversidade. Então a gente sabe que não existe pesquisa só em 'ciência', não existe pesquisa só né... tipicamente as pessoas pensam física, biologia, matemática, mas existe pesquisa em várias áreas e a ideia é celebrar todas essas áreas dentro do programa então era uma das vertentes, traga essa diversidade, essa representatividade para conseguir inspirar pessoas que têm interesses diferentes.

E você vai estar na organização no ano que vem, sob a presidência de Matheus Farias? *Então [risos], o Matheus quer me trazer pra conferência. Mas eu tenho muitas outras responsabilidades agora no meu último ano, então acho que vai ser difícil pelo menos assumir um papel de liderança. Só de ouvir a gente já ficou assim, 'como que dá conta disso tudo né?' Talvez seja melhor dar uma passagem lá como visitante, como quem conhece todo o mundo deixar os outros organizados dessa vez, focando nos estudos.*

De alguma coisa tem que abrir a mão.
Tem. Infelizmente não tenho como fazer tudo. Eu já tentei, mas não tem, então acho que o jeito vai ser... eu gostaria de continuar ajudando de alguma forma, mas com certeza não com papel de liderança tão ativo quanto eu tive esse ano passado.

E Sara, só um recado final para jovens brasileiros que pensam em se qualificar no exterior. Quer dizer: vale a pena? Tá valendo muito a pena toda essa sua experiência? Você sente a bagagem que está construindo? O que você diria?
Com certeza. Eu acho que existem trajetórias e trajetórias, pode ser que não seja o caminho certo para você, mas eu diria que, dado o que eu falei e dado as outras histórias que vocês conhecem, se vocês se interessam pela flexibilidade, pela oportunidade de conhecer pessoas do mundo inteiro, pelas oportunidades de estudar em outros países, eu acho que vale a pena tentar. Existem programas de apoio, existem pessoas que estão dispostas a auxiliar durante o processo, então mesmo que no final você descubra que você quer ficar no país—o que eu acho que existem muitas opções muito boas no Brasil também. Acho que a gente não pode, nem desconsiderar isso, mas eu acho que pra quem gerou esse pulga atrás da orelha, que 'talvez seja pra mim', eu acho que vale a pena tentar e buscar principalmente essas fontes de apoio que foram tão importantes para mim. Acho que são muito importantes no geral para quem se aplica. Então encorajo. Se precisarem de mim, eu também como eu disse que sou mentora, então fico à disposição pra ajudar quem tem interesse.

Muito obrigado pela sua participação aqui no O Antagonista, nessa temporada em São Paulo. Daqui um pouco de volta de novo para lá.
Obrigada, foi um prazer.

Quanto tempo falta para você terminar Harvard?
Falta um ano, eu termino em maio.

E tem planos de ficar nos Estados Unidos, Oxford ou Brasil depois?
Olha...acho que eu vou continuar ou nos Estados Unidos ou na Inglaterra, eu acho que eu vou continuar estudando que é tem muita coisa ainda para aprender, mas amo muito o Brasil, estou sempre envolvido com essas iniciativas que de alguma forma tentam trazer algo de volta para o país. Então, quem sabe minha família toda tá aqui eu acho que tenho grandes motivos para voltar.

Luis Villa del Campo via Wikimedia Commons

Os crashes têm características particulares do que vimos nesta semana

05.08.24: o crash que não aconteceu

Grandes tombos registrados na segunda-feira, 5, nos fazem lembrar da natureza de diferentes falhas da bolsa. Esse não foi um desses casos

09.08.24

IVAN SANT'ANNA

Acordei às 4 horas da segunda, 5, para assistir às competições dos Jogos Olímpicos de Paris.

Antes de ligar a TV, dei uma passada, como faço todos os dias, pelo site da Bloomberg.

Para meu espanto **, a Bolsa de Tóquio sofreu uma queda de 12,4%, a maior desde o crash de outubro de 1987.**

Como não pudemos deixar de ser, as bolsas da Europa acompanharam, lesões fortes perdas.

Para as bolsas americanas, as expectativas eram as melhores possíveis. No mercado noturno (de domingo para segunda), as ações do índice Nasdaq caíram tanto quanto em Tóquio.

Enquanto esperava a abertura da B3, lembrei-me de um trecho do meu livro *Os mercadores da noite*.

Nas páginas 39 e 40 da edição da Inversa , está escrito:

"A maioria dos fundos americanos era administrada por computadores através de programas de negociação. Esses programas tomaram decisões baseadas em análise técnica e matemática das cotações de diversos mercados.

Naquele domingo, quase todos os gestores de fundos administrados por computador tiveram a mesma ideia. Foram para seus escritórios e simularam nos programas de suas máquinas uma queda violenta no Índice Dow Jones. Simularam também uma forte baixa do dólar e grande alta no mercado de ouro.

O resultado deixou-os apavorados. Com os esfíncteres soltos, estômagos contraídos e cabeças atrasadas, iniciaram uma espera angustiante pela abertura dos mercados.

E os pequenos e médios investidores? Os profissionais liberais, os funcionários do governo, os militares aposentados, as viúvas, os artistas, os pequenos comerciantes, as prostitutas, enfim, todos os que contam com seus investimentos para compra da nova casa, troca de carro, viagens de férias, doenças e retirar?

Também tive lido os jornais e assistido à TV nos últimos três dias. Agora, em suas casas, todos pensaram na mesma coisa. Se a crise era tão séria, como afirmavam os entendidos, melhor seria vender em primeiro lugar.

Já era meio da noite na Europa. O sol se punha na América e nasceu no Extremo Oriente. A decisão para tomada. Os profissionais de mercado, os grandes empresários, os chineses, os magnatas do petróleo, os bombeiros de Tóquio, os administradores de fundos e toda a multidão de pequenos e médios investidores venderiam ações na abertura dos mercados e tratariam de se defender de qualquer maneira ."

Voltando ao início desta semana, **realmente as bolsas americanas levaram um tombaço** . Mas nada que se compare à grande queda de 1987 e ao crash de outubro de 1929.

Desta vez, o Índice Nasdaq caiu 3,43%, o S&P 500 e o Industrial Dow Jones, 3%.

Já o Ibovespa desvalorizou-se apenas 0,46%. **Ou seja, apenas escorre um pequenogão, se comparado às expectativas para aquele dia.**

Meu grande amigo Edwin (Ted) Arnold, já falecido, especialista em metais da Merrill Lynch, costumava dizer que *"mercado que responde bem a notícias ruinas, é mercado de alta".*

Pois foi o que aconteceu na B3. No dia seguinte, recuperou as perdas de segunda e voltou a subir.

Os crashes têm características específicas . O de 1929, por exemplo, foi para valer. Não deve ser tão brutal que o mercado apresente os **Esfuziantes Anos Vinte (The Roaring Twenties)** como o excesso de lançamentos (IPOs) na Bolsa de Valores de Nova York, muitos deles de empresas inexistentes.

Colaborou com o tombaço o fato do governo norte-americano (presidente Herbert Hoover) não ter tomado nenhuma atitude para minimizar os efeitos do acidente.

***"Isso é assunto privado"* , disse ele. Ou algo parecido.**

Já no crash de segunda-feira, **19 de outubro de 1987** , eu assisti de camarote, pois operava futuros e opções de S&P 500 naquela época.

Como sempre acontece, tudo começou com uma longa e provocada alta.

Tal como escrevi acima, no trecho selecionado de *"Os mercadores da noite"* , na sexta-feira, dia 16, o mercado de ações fechado com os gráficos de curto médio e longo prazo rompendo suportes.

Na segunda, 19, o Dow Jones e o S&P 500 (naquela ocasião, o índice Nasdaq não tinha representatividade) operaram sem precipício.

Quem fez *para* naquele dia, se deu mal, muito mal. Por outro lado, os corajosos que aproveitaram nas mínimas lograram as melhores oportunidades já oferecidas pelo mercado americano de ações em todos os tempos.

Tanto é assim que, contando todo o ano de 1987, ao contrário de 1929, a Bolsa de Valores de Nova York fechou em alta **. Alta mínima, mas fechada.**

Boa parte dos méritos desse desempenho deve-se ao então presidente do FED, Alan Greenspan, ao presidente Ronald Reagan e aos grandes bancos americanos.

Greenspan inundou o mercado de liquidez, comprando Títulos e Letras do Tesouro.

Reagan telefonou para os presidentes das grandes *corporações* , pedindo-lhes que comprassem, em Bolsa, ações de suas próprias empresas.

Finalmente, a maioria dos bancos impediu sua *taxa básica de juros* , que na época o mercado considerava mais importante do que os juros básicos do FOMC como atualmente.

Portanto, crash mesmo, para valer, só o de 1929.

Ivan Sant'Anna é escritor e investidor

[email protegido]

As opiniões emitidas pelos colunistas não necessariamente refletem as opiniões de O Antagonista e Crusoé

Agência de Notícias Xinhua

Marcus D'Almeida, no arco e flecha: número 1 no ranking internacional

Espírito olímpico para quem não gosta de esportes

Poucas mais belas, as vitórias brasileiras em Paris são um aceno para o país que pensamos ser – e nos consolam do papel que o Brasil está fazendo na Venezuela

08.08.24

JERÔNIMO TEIXEIRA

As Olimpíadas de Paris estão em seus últimos dias. Já sinto certa nostalgia pelas horas que passei vendo competições cujas regras não entendo e que só me despertam interesse uma vez a cada quatro anos. Arco e flecha, por exemplo: assistiu a uma disputa, pela primeira vez, nas Olimpíadas de Tóquio. Quedei fascinado, em uma madrugada insone, com a serenidade zen dos arqueiros. Nem lembro da nacionalidade dos concorrentes que vi naquele ano pandêmico. Nesta Olimpíada, encontrei brasileiros por quem torcer. Marcus D'Almeida é o número 1 do ranking mundial. Infelizmente, perdeu para o número 2, o coreano Woojin Kim, nas oitavas de final.

Muita gente que não acompanha esportes regularmente acaba se liberando nas Olimpíadas. Eu sou um caso extremo: em outras épocas, minha indiferença pelo esporte é absoluta. Não dou bola (trocadilho ruim mas irresistível) nem para o futebol, que ainda é, ao lado do concurso público, o esporte nacional por excelência. Sou aquela **figura caricata das crônicas de Nelson Rodrigues: o intelectual que não sabe bater corner** . E se como intelectual não sou lá grande coisa, na incapacidade de chutar (ou de arremessar, rebater, sacar, cortar, bloquear) a bola não há quem me supere.

Lamento ser assim. Percebo que a incapacidade física e a insensibilidade espiritual para o esporte **me privam de uma nação substancial da experiência humana** . Nas semanas olímpicas, porém, alcanço uma compreensão rudimentar dos dramas que se desenrolam em estádios, campos, quadras, pistas, piscinas. Para minha felicidade, a TV por assinatura ofereceu uma boa variedade de canais transmitindo eventos olímpicos sem comentaristas. Nesse silêncio misericordioso, era um prazer acompanhar embates de esgrima e corridas de bicicleta.

Em alguns momentos, também me deixei levar pelo barulho da torcida. Como todo brasileiro, me encantei com a perfeição áurea de Rebeca Andrade na ginástica artística. O amor à pátria serve de desculpa para que nos apropriemos de méritos alheios: **as quatro medalhas que a ginasta ganhou em Paris são conquistas individuais dela, mas milhões incham-se de orgulho** pelo acidente histórico de serem, como Rebeca, cidadãos brasileiros.

No seu melhor, as Olimpíadas despertam um sentimento de nacionalidade que não faz concessões à vulgaridade tribal. Ninguém de boa-fé terá gritado " *chupa, Simone Biles!"* quando a americana foi derrotada pela brasileira no solo da ginástica artística. Pelo contrário, o fato de Rebeca ter superado aquela que é a maior ginasta do mundo conferiu um brilho especial ao seu ouro.

A militância, como sempre, achou pretexto para proselitismo barato. Um notório guerreiro cultural foi às redes sociais revelando que havia consultado Rebeca, por mensagem, sobre as políticas da medalhista – e que ela havia garantido que não apoiava Bolsonaro! **Como isso é pequeno** , tacanho: a mulher salta do chão para dar voltas imponderáveis nos ares e depois cair graciosamente no solo olímpico, e **o sujeito quer saber em quem ela votou em 2022.**

Ainda mais baixa foi a politização da medalha de ouro de Beatriz Souza. Nas redes sociais, os memes saudaram a vitória da judoca brasileira sobre o israelense Raz Hershko como se fosse um episódio glorioso da luta contra o sionismo. Essas manifestações desrespeitam não apenas uma derrotada, mas também uma vencedora. As duas se abraçaram ao fim da luta. Esse espírito olímpico está além da compreensão das antissemitas.

As vitórias olímpicas não podem ser protegidas por correntes ideológicas ou seitas políticas. Elas pertencem, de forma óbvia e inapelável, aos atletas, e só de modo indireto ao país que eles representam. Os esportistas estão lá defendendo a bandeira verde e amarela, clara. Aliás, demonstramos ter consciência disso – uma consciência às vezes dolorosa, como pudemos constatar nas entrevistas de concorrentes que se desculparam por derrotas (o que, aliás, deveria ser necessário). Mas atenção: isso significa que os atletas representam igualmente todos os brasileiros, sejam eles lulistas, bolsonaristas ou gente sensata.

No geral, os concorrentes brasileiros são feitos bonitos, perdendo ou ganhando. No momento em que escrevi, o Brasil ocupa o 17º lugar no quadro geral de medalhas. Suponho que chegue ao fim das Olimpíadas um tanto acima ou abaixo dessa marca. Será muito mais do que alcançar rankings internacionais como o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), no qual estamos em 89º lugar entre 193 países. No PISA, que avalia a qualidade da educação de 81 países nas áreas de matemática, ciências e leitura, estamos respectivamente na 65a, 62a e 52a posição. A comparação é, admito, torta: de um lado, está a média nacional em bem-estar social e educação; por outro lado, o desempenho de uma posição diminuta da nação – a elite de seu esporte. Mas nossos olímpicos talvez possam inspirar o país na busca pela excelência. Ou, se não tanto, por decência.

No meu caso, as imagens dos campeões brasileiros – o surfista suspenso no ar, o sorriso do skatista, a ginasta reverenciada pelas companheiras de pódio – ajudaram a amansar o bode que venho neste país. **Pois calhou das Olimpíadas coincidirem com a fraude eleitoral na Venezuela, ostensivamente reforçada pelo nosso governo** . Sim, o apoio é ostensivo, pois enquanto a diplomacia sugere tibiosamente que o governo venezuelano divulgue as atas eleitorais, o presidente Lula já se adianta para afirmar que " *nada de grave* " está acontecendo na Venezuela. E o jornalismo governamental compra barato a balela de que o Brasil atua com moderação para assim mediar negociações entre o governo de Nicolás Maduro e a oposição – aquela mesma oposição que o ditador pretende encarcerar em prisões de segurança máxima, conforme ele mesmo já declarou publicamente.

No domingo, encerram-se os jogos. **O bode de viver no país de Lula retorna à sala. Em 2028, volto a torcer por uma medalha em arco e flecha.**

Jerônimo Teixeira é jornalista e escritor

As opiniões emitidas pelos colunistas não necessariamente refletem as opiniões de O Antagonista e Crusoé

Hannah Carvalho

Música e maternidade

A pianista Ana Lúcia Altino faz 80 anos e nos ensina uma lição

08.08.24

JOSIAS TEÓFILO

No último dia 5 de agosto a pianista Ana Lúcia Altino fez 80 anos de idade. Ana Lúcia, além de pianista, é produtora cultural, criou um festival que já tem 27 anos de existência, é mãe de seis filhos e avó de treze netos.

O que me chama atenção na história dela é a dimensão das atividades que parecem ser opostas: casamento e maternidade versus criação artística e atividade profissional. Ana Lúcia criou orquestras (Orquestra Filarmônica Norte-Nordeste, Orquestra Jovem de Pernambuco, Orquestra de Câmara Solistas de Campinas), recomendou e incentivou a realização de uma grande quantidade de obras musicais, escreveu livros, concebeu e produziu discos (como o integrado *A música erudita dos compositores populares pernambucanos* , em que foi gravado pela primeira vez o *Bolero de Capiba* , e a *Missa Nordestina* de Clovis Pereira foi regravada).

Ana Lúcia Altino nasceu no Recife em 1944. Seu pai transformou seu segundo nome, Altino, num sobrenome, que viria a identificar o ramo da família. Estudou piano no Recife com as irmãs Cristina e Luciana. Mas só ela levou uma atividade profissional às últimas consequências. Graduada pela UFPE, ela estudou na Escola Superior de Música de Detmold com bolsa do governo da Alemanha, onde fez seu primeiro doutorado. No navio a caminho da Europa, conheceu o violinista chileno Rafael Garcia, com quem viria a casar-se.

De volta ao Recife, os dois tocaram na Orquestra Armorial e tiveram um programa na TV Universitária de Pernambuco. Lá, Ana Lúcia me contou, filmaram um programa na casa de Gilberto Freyre em Apipucos, em que ele relatou a convivência com Heitor Villa-Lobos e a boemia no Rio de Janeiro.

Infelizmente, a fita não ficou para a posteridade – hoje seria um registro precioso – porque **gravaram um jogo de futebol por cima** . Essa história é representativa da relação tortuosa do pernambucano com o seu passado.

Depois, Ana Lúcia e Rafael Garcia foram convidados pelo maestro Eleazar de Carvalho para tocar na Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp) – Rafael tornou-se spalla e Ana Lúcia, pianista de orquestra. É possível vê-los em filmagens antigas. Em seguida, foram para a Paraíba ajudando a criar o departamento de música da universidade federal e a orquestra sinfônica do estado.

Depois, foram morar em Boston, nos Estados Unidos, e o motivo é bastante relevante para o tema deste artigo: ela foi, com o marido Rafael e os outros filhos, acompanhar o filho Leonardo, violoncelista – **uma amiga a havia prevenido do perigo de deixar o filho vai sozinho.**

Lá, fez mais um doutorado, em que reconstituiu um quinteto de Brahms (que o compositor queimou) a partir do quarteto existente – uma obra de imaginação e emoções, que chegou a gravar no Festival Virtuosi com os integrantes do Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo. O texto virou o livro o *Quinteto para Piano e Cordas no Século 19* , publicado em português. Enquanto fazia doutorado, Ana Lúcia cuidava de filhos adolescentes e bebês. Imagine ela reescrevendo um quinteto de Brahms com uma mão e com a outra dando mamadeira para criança de colo.

De volta ao Brasil, Ana Lúcia atuou na Orquestra Sinfônica de Campinas, enquanto seu marido, Rafael Garcia, voltou a tocar na Osesp sob regência de John Neschling. Mas a grande realização do casal foi o Festival Virtuosi, que costuma reunir a família no Brasil – os filhos moram em várias partes do mundo. O violista Rafael reside na Dinamarca, o violoncelista Leonardo mora nos Estados Unidos, o designer e baixista Marcelo mora também nos Estados Unidos – o festival reúne todos numa só cidade, inclusive tocando em família.

O Virtuosi deu um sopro de vida à cena cultural do Recife. Tive a oportunidade de ver alguns concertos memoráveis: o contratenor Philippe Jarrousky cantando o repertório da época de Proust, o violinista Ilya Gringolts tocando o repertório russo, Antonio Meneses (falecido esta semana) tocando o Concerto para Violoncelo de Shostakovich etc.

A grande contribuição do Virtuosi talvez tenha sido tantas obras originais que foram encomendadas pelo festival. De certa forma, essas obras deram continuidade ao Movimento Armorial na música. Entre eles estão o *Concertino para Violoncelo* e *o Concertino para Violino* de Clóvis Pereira, o mais profícuo compositor armorial (falecido no mês passado), a ópera *Dulcinéia e Trancoso* , primeira nesse estilo, e tantas outras obras.

Ana Lúcia comemorou seus 80 anos num grande concerto no Festival Virtuosi de Gravatá, em que filhos e netos tocaram juntos. A ausência significativa foi do marido, o maestro Rafael Garcia, falecido em 2021 – que faz muita falta a todos.

Nunca vi uma pessoa que teve uma vida familiar tão integrada à vida profissional. Numa época em que se veem cada vez mais como polos opostos à carreira e aos filhos, **Ana Lúcia ensina que é na verdade uma coisa só: formas de criar e dar vida, baseada no amor, pela música e pelas pessoas.**

Josias Teófilo é jornalista, escritor e cineasta

As opiniões emitidas pelos colunistas não necessariamente refletem as opiniões de O Antagonista e Crusoé

Nicolás Maduro via X

Não sei em que lugar de Caracas moraria a Democracia Bolivariana

Onde mora a mal-educada, malcriada Democracia Bolivariana?

09.08.24

ORLANDO TOSETTO JÚNIOR

A **Democracia Brasileira** (sempre, sempre com respeitosas guardas), como eu vos contei na primeira crônica que assinei nesta revista, **vive mui modestamente pelos lados do Largo do Cambuci**, que já é de si um logradouro dos mais modestos, dos mais humildes e *perfil discreto* da capital paulista. Ela mora ali porque, **Democracia que é, tem que ir aoonde o povo está – tal e qual o artista, segundo reza lá a canção**. Não só ir, mas também ficar por lá: alugar um cômodo, frequentar os botecos e quitandas, sambar, tomar umas e outras, dar barraco com o povo, torcer o pé nos buracos das calçadas pelas quais o povo anda, amanhecer nas sarjetas em que o povo amanhece, coma o arroz com ovo que o povo venha, pegue as conduções lotadas e as filas que o povo pega, e assim por diante.

Não sei naquele lugar de Caracas, cidade hoje mais modesta, mais humilde e mais *low profile* do que muitos dos últimos bairros de São Paulo, morará a **Democracia em sua versão Bolivariana (bigoduda, de uniforme, gritalhona, discursadora, temperamental e dada a ver e ouvir o *pijama* verde)**. O certo é que, assim como sua irmã brasuca, **a Democracia Bolivariana tem de ir aoonde o povo bolivariano está e de onde, pelo visto, tão cedo não sairá. É lá que ela vive e apronta.**

Viva ela como viver, entretanto, e apronte o que aprontar, é certo que sempre poderá contar com sua irmã do Cambuci, que a apoia em tudo e nunca a abandonar seus desatinos eventualmente, nas suas, se conectar assim, pisadas na bola e na jaca. E, quando apoiar fica feio, a Democracia Brasileira ainda tenta fazer um meio de campo. ***"Espera um pouco aí, minha gente"*, diz a Democracia Brasileira às suas irmãs, as outras Democracias, *"ela vai renovar o estrago, ela vai mostrar as atas, ela vai pagar o conserto, ela vai limpar o chão sujo, ela vai tomar tento."*** A Democracia Brasileira é uma irmã boa e atenciosa da Democracia Bolivariana: **está sempre lá para lhe dar uma força, um banho, uma justificativa, um tempinho extra, um abraço apertado.** Nisto, aliás, tem tido ultimamente a ajuda das Democracias Colombiana e Mexicana, irmãs que não se unem para quase nada mas, quando o assunto é a Bolivariana, estão sempre juntas e cochichando.

Mas essa boa vontade não é unânime entre as Democracias. **Verdade seja dita: as Democracias são uma irmandade – ou talvez eu deva dizer uma *sororidade* – grande e nada brilhante.** Imperam entre elas muitas diferenças de opinião e de conduta. Tantas são as diferenças, na verdade, que há quem diga que a família das Democracias é bem desunida. Democráticamente desunida. Pode ser coisa de geração. Afinal, há diferenças enormes de idade entre elas. E o amigo sabe como é: as mais velhas foram educadas de um jeito, as mais novas de outro, e aí começaram os atritos e as encrencas.

Vejam-se as Democracias jovens que nos rodeiam, a Argentina, a Chilena, a Boliviana, a Equatoriana, a Mexicana – todas elas jovens como a nossa, que é mocinha, se a gente pensar bem. Todos os sofrimentos de crises hormonais: têm as caras cheias de espinhas e mudanças *de acento e de pensamento* o tempo todo. **Até ano passado, por exemplo, a Democracia Argentina era tão amiga da Bolivariana quanto a Brasileira; hoje, porém, uma já não olha na cara da outra.** A Mexicana ora se dá bem com a Americana, ora mal. A Chilena já teve suas crises, tal qual a Boliviana e a Colombiana. Tem a imprevisibilidade da adolescência.

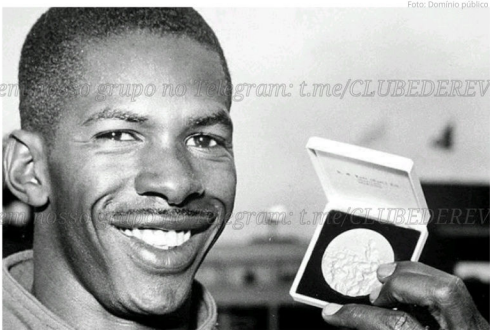
Vizinhança também conta. As Democracias da União Europeia, por exemplo, moram todas perto umas das outras, e isso acaba atenuando as diferenças de idade entre elas. Prevalece o ponto de vista das mais velhas, que hoje é este: **tem que dar uma disciplinada na menina Bolivariana. Tem que chegar junto, dar uma bronca, botar de castigo, quem sabe até dar nela umas palmadas.** Conforme for, se ela se recusar a se emendar, até cassar o sobrenome da família e mandar-la lá para morar com as esquisitas: a Chinesa, a Russa, a Cubana, as Democracias das outras tais Repúblicas Populares, as garotas do Oriente Médio. **Para ela ver o que é bom para fraude. Perdão, para friagem. Para jogar.**

A Democracia Brasileira está fazendo de tudo para que isso não aconteça. Está mesmo se esforçando tanto que as mais velhas começam a suspeitar que ela vai começar logo, logo a dar suas bolivarianadas, se é que já não as deu aí por baixo dos panos. Tão preocupados estão que já andam chamando a Democracia Brasileira às falas.

Resta à nossa Democracia a ginga tradicional, o jeitinho, o ganzá e a tica-tica-bum-ti à Carmen Miranda pra ver se acalma as Democracias mais sérias e faz com que elas esqueçam as estripulias da Bolivariana. Quem sabe dá certo? Se bem que, em matéria de ginga, o novo Governo velho, pai dos pobres e da Democracia, também já anda acusando a idade: está mais pra gagá do que pra ganzá.

Orlando Tosetto Jr. é escritor

As opiniões emitidas pelos colunistas não necessariamente refletem as opiniões de O Antagonista e Crusoé

Foto: Domínio público

Adhemar Ferreira da Silva, o primeiro bicampeão olímpico da história do Brasil, exibe uma das suas medalhas

Nunca antes na história dessa Olimpíada

Nas últimas semanas, fomos todos informados de que pessoas negras, gordas e até mulheres disputam Olimpíadas e ganham medalhas

09.08.24

RUY GOIABA

Adhemar Ferreira da Silva (1927-2001) é um dos grandes heróis olímpicos brasileiros. Foi duas vezes medalha de ouro no salto triplo (nos Jogos de Helsinque, em 1952, e nos de Melbourne, em 1956) e cinco vezes recordista mundial da modalidade. Competiu pelo São Paulo e, depois, pelo Vasco; as duas estrelas douradas que encimam o escudo do tricolor paulista homenageiam os recordes mundiais que ele bateu em 1952 e 1955, quando era atleta do clube.

Obviamente, Adhemar, negro de família pobre criado no bairro paulistano da Casa Verde, virou escandinavo agora — ele e os numerosos campeões negros ao longo de décadas de história olímpica, incluindo Jesse Owens, cujas quatro medalhas de ouro em Berlim-1936 foram uma tapa na cara de um certo Führer. Só agora, finalmente, chegou a vez dos negros, assim como a dos gordos: antes só varapaus e sílfides disputavam levantamento de peso, arremesso de peso, luta greco-romana e as categorias mais peso-pesado do judô. E as mulheres, então? Alguém já tinha visto uma mulher ser campeã da Olimpíada? **Nunca antes na história!**

Pois é, nas últimas semanas fomos todos informados de que pessoas negras, gordas e até mulheres disputaram Olimpíadas e ganharam medalhas. Foi assim que alguns colunistas trataram as vitórias de Rebeca Andrade — a maior medalhista do esporte brasileiro — na ginástica e de Bia Souza no judô (no momento em que escrevo, os únicos ouros do Brasil em Paris). Bia, que tem 115 kg e venceu a categoria *"acima de 78 kg"*, é também terceiro-sargento do Exército, como integrante do Programa de Atletas de Alto Rendimento do Ministério da Defesa. Mas essa parte, curiosamente, não foi destacada por quem louvou o *"ineditismo"* do ouro para uma *"negra gorda"*. Esse povo nasceu anteontem e começou a ver as Olimpíadas ontem? Nunca ouvi falar de Darlan Romani, o Sr. Incrível do arremesso de peso, que infelizmente se contundiu e não conseguiu ir a Paris? Darlan não é negro, mas não dá para dizer que ele seja um varapau com seus 140 kg.

Aqui mesmo, na Olimpíada passada, reclamei da armandonogueirização do jornalismo esportivo: aquele tipo de crônica com imagens *"poéticas"*, feito geralmente por quem não sabe escrever poesia nem crônica e merecedora da medalha de ouro em constrangimento, pela vergonha alheia que provoca (*"vai, bola, baila!"* Essa praga não morreu; ela só passou a se divulgar na sua variedade identitária. Sem dúvida, a conquista de Rebeca Andrade vai inspirar meninas e meninos que hoje pulam e dão piruetas no sofá da sala para seguirem carreira como atletas olímpicos, do mesmo modo que Rebeca se desenvolveu em Daiane dos Santos. Mas pedir é muito que isso não sirva de pretexto para os poetas do jornalismo esportivo nos matarem com uma overdose de sacarina?

E há uma coisa que essa galera do identitarismo, que chegou agora ao busão e já quer sentar na janela, parece perder de vista: um dos grandes baratos das Olimpíadas *sempre* foi a diversidade de corpos dos competidores. Basta assistir alguns dias dos Jogos para perceber que não existe a noção de *"corpo errado"* nos esportes olímpicos: eles são praticados por Bia, por Darlan, por pessoas gordas e magras, por baixinhos de 1,55 m como Rebeca (ou menos) e altões de 2,06 m como LeBron James (ou mais). São praticados até por aquelas capturas turco da mão no bolso parecido com o seu tio Toninho, que mora em Peruíbe e se aposentou como contador. Existe, é óbvio, o corpo adequado para cada modalidade: ninguém vai colocar a Rebeca para fazer cesta no basquete, nem o LeBron nos exercícios de salto e trave da ginástica artística. Mas a própria ideia de esporte olímpico traz em si desde sempre uma infinita variedade humana.

Pensando nisso, vou começar a me preparar para quando dominó e bocha virarem esportes olímpicos, o que deve acontecer em uns 20 anos — exatamente quando estarei na idade ideal para defender o Brasil (na bocha, por exemplo, claramente a categoria sub-20 é sub-70). Vai ser difícil bater os tempos da prática que são os atuais Rebecos dessas modalidades, mas um brasileiro não pode se acovardar diante dos desafios. Olimpíada de 2044: se estiver vivo, aqui vou eu!

***

A GOIABICE DA SEMANA

Minha ideia era dar o prêmio desta semana para Lula (foto), que se dizia preocupadodíssimo com os renúnciais fiscais até decidir fazer exatamente isso com as premiações dos atletas campeões em Paris. Mas outro valor mais alto se levantou: o troféu vai para os coleguinhas que cobrem o governo Lula e estão espalhando diligentemente a lorota (produzida no Planalto) de que o Painho, coitado!, não sabia do teor da nota do PT dando o maiorrrapoio à fraude eleitoral do ditador Nicolás Maduro. Sugiro deixou de tratar os telespectadores e/ou leitores como idiotas e assumiu de uma vez a função de avaliadores — ou vendedores do *"armazém de secos e molhados"* de que Millôr Fernandes falou.

Reprodução

Os limites biológicos que os militantes do gênero não enxergam ainda se impõem apesar dos discursos e das vontades

O terceiro sexo olímpico

Na competição esportiva, não importa apenas o corpo do atleta transexual ou intersexo, mas sua interação com os outros corpos

09.08.24

RODOLFO BORGES

"Ninguém nasce mulher: torna-se mulher", diz Simone de Beauvoir na passagem mais célebre de *O Segundo Sexo*, que segue assim: *"Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino".*

A perspectiva do gênero como construção social está na base da infinidade de identidades pré-moldadas em departamentos universitários dos Estados Unidos. A frase clássica da filosofia francesa, em particular, tem sido utilizada para embasar a defesa das mulheres transexuais, apesar de uma frase menos famosa de *O Segundo Sexo* dizer que *"nenhum homem consentiria em ser uma mulher".*

É claro que esse tipo de afirmação depende do que se entende por mulher. A própria Simone de Beauvoir diz, ao se referir às mulheres, que *"esse corpo é presa de uma vida obstinada e alheia que cada mês faz e desfaz dentro dele um berço; a cada mês, uma criança prepara-se para nascer e abortar no desmantelamento das rendas vermelhas; a mulher, como o homem, é seu corpo, mas seu corpo não é ela, é outra coisa"*. **O corpo da mulher trans é uma terceira coisa, portanto.**

Os limites biológicos que os militantes do gênero não enxergam ainda se impõem apesar dos discursos e das vontades, e, mais do que em qualquer outro lugar, ele grita no esporte. **Uma transexual pode viver como mulher legalmente em sociedades liberais, e o fará com mais conforto e facilidade na medida em que conseguir moldar seu corpo às formas femininas — além do comportamento e da própria voz.**

Mas, **na competição esportiva, não importa apenas o corpo do transexual, e sim sua interação com os outros corpos**. Essa questão voltou aos holofotes por linhas tortas — ou cromossomos tortos, para não perder o trocadilho. Boxeadoras que contêm cromossomos XY, que definem biologicamente o corpo masculino, foram identificadas como intrusas nas Olimpíadas de Paris **(na foto, a taiwanesa Lin Yu-Ting é alvo de protesto da búlgara Svetlana Staneva após vencê-la).**

Não são casos novos, mas ganharam destaque à luz das polêmicas sobre a presença de transexuais em competições femininas. **A velocista sul-africana Caster Semenya, bicampeã olímpica dos 800 metros, é o caso recente mais conhecido de atleta intersexo, mulher com características físicas masculinas**, como destaquei em *Jogue como uma garota trans* ao escrever sobre o livro *Sporting Gender*, de Joanna Harper, que se trata de muitos outros casos.

Semenya foi obrigada pelo regulamento aprovado em 2019 para reduzir, por meio de medicamentos, sua testosterona para poder competir entre mulheres. Não aceito interferir no próprio corpo e apelar à Justiça para poder voltar a competir. **No fundo, é disso que se trata: testosterona.**

"Os efeitos potentes da testosterona em altura, massa muscular, força e capacidade aeróbica, pelo aumento de hemoglobina, conferem vantagens óbvias na performance esportiva", diz a bióloga evolucionista Carole Hooven em *T: The Story of Testosterone, the Hormone that Dominates and Divides Nós*

O especialista, que foi levado a se posar de Harvard para falar verdades demais sobre o assunto, segue: *"Algumas pessoas podem argumentar que não é apenas focar nos níveis de T porque todo o mundo tem diferenças naturais que afetam a performance. Mas agora talvez idade e saúde, apenas determine uma linha tão clara e consistente entre grandes grupos de pessoas que se especializam em habilidade atlética."*

Hooven lembra ainda que **os esportes foram segregados por sexo por causa das vantagens que a puberdade masculina e a manutenção dos níveis de testosterona durante a vida adulta protegem os homens**. *"Sem segregação sexual, pessoas que não passaram pela puberdade masculina poderiam fazer backup das competições de elite"*, acrescenta.

Quem enxerga discriminação de gênero na pretensão de controlar níveis de testosterona deve olhar para **Hergie Bacyadan, uma boxeadora trans que compete entre as mulheres nos Jogos de Paris**. O filipino, que nasceu mulher e se tornou homem, foi eliminado na estreia pela chinesa Li Qian. **Bacyadan enfrenta mulheres sem ser contestado porque não passou pelo tratamento hormonal com testosterona e seu corpo é feminino.**

"A mulher é mais fraca do que o homem; ela possui menos força muscular, menos glóbulos vermelhos, menor capacidade respiratória; corre menos depressa, ergue pesos menos pesados, ***não há quase nenhum esporte em que possa competir com ele; não pode enfrentar o macho na luta****"*, admite Simone de Beauvoir no clássico feminista, para ponderar que ***"quando o pleno emprego da força corporal não é exigido nessa apreensão, abaixo do mínimo utilizável, as diferenças anulam-se".***

Não é o caso do esporte.

Rodolfo Borges é jornalista

As opiniões emitidas pelos colunistas não necessariamente refletem as opiniões de O Antagonista e Crusoé

Fernando Frazão/Agência Brasil

O que sair das urnas, independentemente de ser de direita ou de esquerda, não é um problema da democracia

A batalha ideológica pela democracia

O conceito foi resgatado como uma regra para permitir que o estado moderno funcionasse. Parte significativa da esquerda tenta isolar concorrentes ao cobrar ainda mais dela

09.08.24

LEONARDO BARRETO

O que é democracia para você? Por trás desta pergunta existe, hoje, uma grande batalha ideológica da história e tem tudo a ver com o cenário de polarização dos dias atuais. Para entender isso, é preciso passear um pouco pelo desenvolvimento recente do pensamento da esquerda.

Um intelectual italiano chamado **Antônio Gramsci (1891-1937) tem um papel especial nesse tema** . Preso pelo regime fascista de Benito Mussolini, o político e intelectual comunista escreveu no cárcere todo o seu pensamento que, após sua morte, foi organizado e publicado.

Poupando o leitor das sofisticadas categorias conceituais, o importante é saber que **Gramsci defendeu que *"apenas"* tomar o Estado, pela via democrática ou usando meios violentos, não seria o suficiente.** Seria necessário, segundo ele, **trabalhar pelo lado dos valores e da cultura** , criando uma onda de pensamento que, quando se tornar hegemônica, faria com que a tomada do poder fosse algo protocolar.

Com a União Soviética e toda sua máquina burocrática funcionando a todo vapor, Gramsci demorou para se tornar a ponta de lançamento da esquerda mundial. **Após o colapso do mundo socialista em 1989, no entanto, os intelectuais marxistas ficaram completamente perdidos e em busca de um porto.** Achei guarida nos estudos de democracia, que foram associados às ideias de Gramsci, e troquei estudos baseados na ideia de classe, que é um conceito econômico, tendo relação com a posição que o sujeito ocupa no processo produtivo, por categorias identitárias, com foco nas distinções de gênero e raça, por exemplo.

A partir daí, **uma ideia de democracia, que é política, substituiu a percepção de socialismo, que é econômica, como centro de pensamento e ação** . Mostrando ter aprendido com Gramsci, os movimentos de esquerda foram além da disputa de pleitos eleitorais e buscaram se apropriar da definição de democracia, que passou a ser obrigatoriamente associada a políticas de orientação progressista. **O pulo do gato é excluir da categoria de *"democrata"* todo mundo que não para *"progressista"*** . Está aí o *roteiro* para alcançar a hegemonia.

A democracia, embora histórica, existiu brevemente entre os gregos antigos. Seu conceito não tinha nenhum objetivo específico, sendo apenas uma *"forma de governo"* na qual o direito de entrar na arena pública e participar das decisões da pólis foi amplamente estendida. A experiência ficou adormecida por mais de mil anos para ser resgatada em um contexto completamente diferente.

Na construção dos regimes políticos modernos, que conjuga (i) a necessidade de abrir o sistema para as pessoas recém-chegadas ao campo em largos processos de urbanização, (ii) a divisão do poder em diversas instâncias para que um autocontrole mútuo fosse possível para evitar abusos contra as liberdades individuais e (iii) a criação de mecanismos de controle sobre a burocracia, o conceito de democracia foi resgatado como uma regra para permitir que tudo isso funcione. De tempos em tempos, os grupos organizados, facções ou partidos políticos, que competem pelo poder em uma sociedade realizar eleições e combinar que quem recebe mais votos governa e respeita o direito do outro de fazer oposição e tentar uma sorte novamente ao fim do mandato.

Essa ideia de democracia é chamada de processual ou minimalista porque não tem nenhum conteúdo implícito nela. Trata-se de uma regra de convivência encontrada por sociedades plurais que precisam encontrar uma maneira de resolver seus conflitos internos. **O que sair das urnas, independentemente de ser de direita ou de esquerda, não é um problema de democracia.**

Correntes de esquerda, no entanto, refutam essa noção – que é fundamentalmente prática – e **passaram a defender uma ideia de democracia substantiva ou maximalista na qual o sistema político deve obrigatoriamente realizar um ideal, normalmente ligado a propostas igualitaristas.** Nesse sentido, se o que sai da urna não estiver pactuado com o manual, tem-se um problema que *"coloca em risco a democracia"*.

Há uma diferença em fazer uma discussão sobre como a democracia pode funcionar melhor (seria ótimo que as pessoas tivessem condições materiais suficientes para exercer o voto de opinião pura, por exemplo) ou sobre que tipo de sociedade ela deve obrigatoriamente fornecer. Esse *"detalhe"* cria as condições para uma divisão entre *"nós"* e *"eles"* e dá licença para transformar qualquer eleitor não progressista em um fascista. Por isso, se alguém perguntar na rua *"o que você entende por democracia"* , saiba que isso significa que você está atolado na trincheira da maior batalha ideológica do seu tempo.

Leonardo Barreto é cientista político e sócio do I3P Risco Político

As opiniões emitidas pelos colunistas não necessariamente refletem as opiniões de O Antagonista e Crusoé